

CONTEXTO HISTÓRICO.:

A Europa, no século XVI, está no auge do Renascimento, numa época na qual as grandes navegações consolidam o capitalismo mercantil, com o desenvolvimento da manufatura e do comércio internacional, acarretando o êxodo rural e a conseqüente urbanização das cidades.

A Igreja encontrava-se dividida: de um lado, a burguesia defendia seus interesses através da Reforma Protestante; de outro, as forças tradicionais reafirmavam os dogmas medievais através da Contra-Reforma.

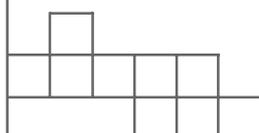
Portugal descobre o Brasil durante um processo de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, na qual a prioridade era o desenvolvimento comercial. Dessa forma, como o Brasil não apresentava as mesmas vantagens comerciais das Índias, a colonização só começa, efetivamente, depois da expedição de Martin Afonso de Sousa (1530) e da criação das Capitanias Hereditárias (1532), com a extração de pau-brasil e o cultivo da cana de açúcar. Em 1549, instala-se o Governo Geral e os jesuítas chegam ao Brasil, iniciando um trabalho de catequese dos índios e fundando os primeiros colégios.

CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS.:

O Quinhentismo compreende as manifestações literárias ocorridas no Brasil durante o século XVI, correspondendo à introdução da cultura européia em terras brasileiras.

A subordinação política e econômica à Metrópole portuguesa acarretava dependência cultural e imitação dos modelos artísticos portugueses. Não existia uma literatura efetivamente brasileira: havia esparsas manifestações, mais ou menos literárias, documentando a chegada do europeu ao novo mundo. Era produzida por cronistas, viajantes e jesuítas, isto é, portugueses que aqui se encontravam por um período curto e uma finalidade específica.

A ideologia mercantilista e religiosa européia vai se traduzir em duas vertentes literárias do Quinhentismo brasileiro: a literatura informativa (relatos dos viajantes, enfocando as riquezas materiais da colônia), e a literatura dos jesuítas, voltada para o trabalho de catequese.



LITERATURA DE INFORMAÇÃO.:

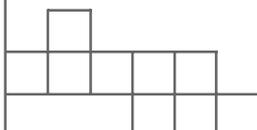
A expansão ultramarina européia trouxe inúmeros viajantes às terras recém-descobertas ou exploradas da Ásia, da África e da América, com a missão de produzir relatórios, com informações sobre essas terras, detalhando os recursos minerais, a fauna, a flora e os aspectos exóticos e pitorescos de seus habitantes. Esses relatórios, denominados "Crônicas de Viagem", têm caráter mais histórico do que literário, apresentando uma linguagem puramente referencial ou denotativa.

A carta de Pero Vaz de Caminha (enviada a D. Manuel no dia 1º de maio de 1500) é considerada o primeiro documento da literatura no Brasil, inaugurando a chamada literatura informativa: manifestações literárias de grande valor histórico e profundo caráter documental sobre o Brasil, feitas por cronistas e viajantes estrangeiros, buscando descrever e informar sobre a nova colônia portuguesa, com enfoque na conquista material e na exaltação da terra nova. Seus relatos visavam satisfazer a curiosidade e despertar a imaginação dos europeus.

Na literatura informativa encontramos documentos, cartas e relatórios de navegantes, de administradores e de missionários e autoridades eclesiásticas. Sua principal característica é a descrição e exaltação da flora, fauna e dos índios, resultante de descoberta do exotismo e exuberância de um mundo tropical. A linguagem referencial (objetiva e concisa) também vai refletir tal louvor à terra com o uso exagerado de adjetivos, geralmente empregados no superlativo (belíssimo, lindíssimo etc.). Também encontramos a presença de modelos clássicos e renascentistas que tendem à erudição.

Autores e obras.:

Pêro Vaz de Caminha (1437-1500) exerceu o cargo de mestre da balança no Porto e foi escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. Ficou conhecido pela Carta ao El Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil, datada de 1 de maio de 1500. A carta foi descoberta na Torre do Tombo em 1773 por José de Seabra da Silva, tendo sido publicada por Aires do Casal na Corografia Brasileira em 1817. Considerada a certidão de nascimento do Brasil, além do inestimável valor histórico, é um trabalho de bom nível literário, mostrando claramente o duplo objetivo que impulsionava os portugueses para as aventuras marítimas, isto é, o propósito mercantilista o espírito missionário. Faz um relato dos dias passados na Terra de Vera Cruz (nome antigo do Brasil) em Porto Seguro, da primeira missa, dos índios que subiram a bordo das naus, dos costumes destes e da aparência deles (com uma certa obsessão por suas "vergonhas"), assim como fala do potencial da terra, tanto para a mineração (relata que não se achou ouro ou prata, mas que os nativos indicam sua existência), exploração biológica (a fauna e a flora) e humana,



já que fala sempre em "salvar" os nativos, convertendo-os. É de caráter didático, histórico, informativo, materialista, porém tem intenções espirituais.

Pero de Magalhães Gândavo: História da Província Santa Cruz (1576) e Tratado da Terra do Brasil (1570). Visa atrair os portugueses para a obra colonizadora, estimulando a imigração, "especialmente daqueles que vivem na pobreza", por meio da exaltação da riqueza e do clima da colônia, com uma visão paradisíaca de nossa natureza. É o primeiro cronista a aludir à importância do escravo na economia colonial.

Gabriel Soares de Souza (1540? - 1591): Tratado Descritivo do Brasil (1587).

Ambrósio Fernandes Brandão: Diálogos das Grandezas do Brasil (1618).

Pero Lopes de Souza: O Diário de Navegação

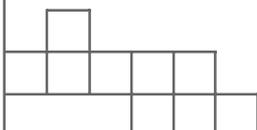
Pe. Fernão Cardim: Narrativa Epistolar e Tratados da Terra e da Gente do Brasil

Há, também, viajantes "estrangeiros" (não-portugueses) que aportaram no Brasil quincentista, à caça de informações sobre o "eldorado", o "éden" (formas com que a imaginação européia pintava a terra desconhecida). Hans Stadem, Jean de Léry, André de Thevet, Antonil e Américo Vespucci incluem-se nessa categoria.

LITERATURA DOS JESUÍTAS.:

Agentes da Contra-Reforma, os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, com a missão de educar e catequizar os índios, fundando os primeiros colégios. Durante quase todo o período colonial, a educação foi atribuição exclusiva das ordens religiosas, especialmente da Companhia de Jesus. Justamente por causa de sua intenção pedagógica e moralizante, os textos produzidos nesse período possuem caráter mais didático que artístico, compreendendo o teatro pedagógico (baseado em trechos bíblicos), a poesia de devoção e as cartas que informavam aos superiores na Europa sobre o andamento dos trabalhos na colônia (catequese e conquista espiritual).

Cabe ressaltar que o teatro foi o instrumento mais utilizado para atingir os objetivos pretendidos pelos jesuítas, visto que, por sua facilidade didática, prestava-se melhor tanto para moralizar os costumes dos brancos colonos como para a catequização do índio.



Autores e obras.:

José de Anchieta (1534- 1597)

Chamado pelos índios de "Grande Piahy" (supremo pajé branco), Anchieta veio para o Brasil em 1553 e, no ano seguinte, fundou o Colégio de Piratininga onde nasceria a cidade de São Paulo. Deixou cartas, informações, fragmentos históricos, sermões, hinos, autos (teatro) e poesia, destacando-se estes dois últimos aspectos como os mais relevantes para a literatura em si, escritos em português, espanhol, tupi e latim. Aliás, escreveu a primeira gramática do tupi-guarani para o ensino da língua dos nativos (Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil - 1595).

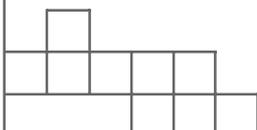
Seus escritos visavam embasar seu trabalho de catequese, o que determinava a função pedagógica e didática de sua obra. Daí as características de sua poesia e de seu teatro, inseridos na tradição medieval: concepção teocêntrica do mundo, temática religiosa e moral e uma simplicidade de meios expressivos que buscam, basicamente, a eficiência comunicativa.

1. O teatro de Anchieta

Principais autos: Auto da Pregação Universal; Auto da festa de São Lourenço ; Na visitação de Santa Isabel. Inspiração medieval, nos mistérios e moralidades. Alegórico, segundo o modelo deixado por Gil Vicente, misturando a moral religiosa católica aos costumes dos indígenas. A paradoxal modernidade desses autos rudimentares está na ativa participação da platéia e no espetáculo, por meio do canto e da dança (motivadores para a presença do índio). Não há unidade de ação ou de tempo. Os cenários eram à beira do mar, tendo como atores os próprios jesuítas, os colonos e os índios, não sendo admitida a presença de mulheres. Normalmente trilingües (tupi, português e espanhol), eram peças escritas em verso que duravam de três a quatro horas de representação até atingirem o clímax maniqueísta: a vitória do Bem, (normalmente personificado por anjos e santos) contra o Mal (caracterizado pelo diabo ou pelos deuses da cultura indígena).

2. A poesia de Anchieta

Principais poemas: De gentis Mendis de Saa; De Beata Virgine dei Matre Maria (Poema à Virgem). Influência da tradição do verso medieval, com o uso de versos curtos e redondilhas, além de uma visão teocêntrica do mundo, buscando no cotidiano e na dicção popular, boa parte das imagens que povoam sua obra. Seus versos expressam sua motivação mística e catequética e sua profunda devoção mariana. A mortificação do humano, o distanciamento dos prazeres terrenos, encontram consolação no amor divino, que contrapõe ao desengano da vida os valores positivos da esperança e da alegria, também presentes na poesia de Anchieta.



Outros autores e obras:

- Diálogo sobre a conversão dos gentios (Padre Manuel da Nóbrega)
- Narrativa Epistolar (Padre Fernão Cardim)
- História da custódia do Brasil (Frei Vicente do Salvador)
- Cartas dos missionários jesuítas escritas nos dois primeiros séculos de catequese Florisando (1510), por Páez de Rivera;
- Lisuarte de Grécia (1514), por Feliciano da Silva;
- Lisuarte de Grécia (1526), por Juan Diaz;
- Amadis de Grécia (1530), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1532), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1535 e 1551), por Feliciano da Silva;
- Silves de La Selva (1546), por Feliciano da Silva.

